

ADISCUSSÃO

SEMANARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—S. MIGUEL

Proprietario e Editor

JOSÉ MARQUES DA SILVA E COSTA

IMPRESA CIVILISAÇÃO

Rua de Passos Manoel, 211 a 219—Porto

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.
Annuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 3 de Setembro

POLITQUICES

Não ha maneira de obter que os espiritos doentemente facciosos saibam e possam destrinçar as *questões politicas* das que são propriamente *administrativas*, e que n'esta qualidade, em bem dos legitimos interesses do paiz, devem ser tratadas fóra de todas as declamações banaes, irritantes, contraproducentes mesmo para o prestigio e auctoridade do meio partidario em que se produzem!

Não ha meio, e o que tentar a empreza de levar a bom caminho os espiritos desorientados, que em semelhantes cousas se occupam, perde o seu tempo precioso.

Nas costas do Norte, á vista de Vianna, á vista de Leixões, á vista da Povia de Varzim teem apparecido vapores de pesca estrangeiros, que exercem a sua industria pelo chamado processo de *arrasto*, que matando o peixe pequeno, representa um grande perigo para a falta de povoamento das nossas aguas.

Mas pescam *dentro* ou *fóra* das aguas territoriaes, isto é, em local que é de todos, ou em local que é nosso?

Está muito longe de averiguado que a pesca seja nas nossas aguas, porque o facto dos vapores apparecerem á vista de Leixões ou de Vianna não significa, de maneira alguma, que seja em aguas portuguezas que elles pescam.

Em todo o caso, para a primeira hypothese, da pesca ser em aguas nossas, já foi mais um vapor de reforço para a fiscalisação, e para a outra da pesca se realizar em condições de influir no despovoamento das nossas costas, o governo não descursa providencias de caracter internacional.

Mas o que tem isto com a politica, como materia para descomposturas innocentes e para catilnarias ridiculas?

E' conhecida a questão dos vinhos hespanhoes no Brazil, expos-

tos com o rotulo de vinhos portuguezes.

Essa questão foi entregue aos tribunaes brasileiros, e alli foi acompanhada com grande solicitude patriotica por parte de quem não descursa os interesses do paiz que dignamente representa.

Bem que mal, interpretando com bom ou mau criterio a letra da lei, ou ainda porque esta não seja em termos precisos que por completo excluam e castiguem a fraude, o facto é que os referidos tribunaes, dando razão a casas portuguezas (!) que eram as consignatarias dos vinhos hespanhoes, nos collocaram em condições perigosas para a legitimidade dos nossos preciosos vinhos na concorrência com outros que pretendem participar da sua fama!

E' uma questão importante, debatida *nos tribunales*, independente da vontade do sr. Hintze, que é hoje Presidente do Conselho, como o seria da vontade do sr. José Luciano, se porventura sua ex.^a fosse o chefe da situação.

E' o que todos vêem, é o que todos sentem e comprehendem elementarmente, e a propria importancia e valia da questão aconselhava naturalmente aos politiquistas que deixassem em descanço a sanfona que lhes móe os adjectivos, na plena certeza de que nenhum governo portuguez, fosse qual fosse, descursaria de envidar esforços, todos os esforços, para que da melhor fórma fosse garantido na sua genuidade commercial o mais importante ramo da nossa exportação—o vinho.

Pois o facto serve para thema de artigos de fundo, em mayonnaise de indignações postizas e de grações de espirito duvidoso!

Pois nem sequer a necessidade de escrever artigos de *verão* desculpa a leviandade, que aliaz se torna innocente, desde que as questões de pesca, dos vinhos, etc., são acompanhadas da affirmativa de que peiora a crise, na situação do thesouro e das fortunas particulares, quando aliaz todos os indicadores attestam e certificam exactamente o contrario, como todos leem semanalmente nas revistas dos jornaes mais auctorizados e insuspeitos.

Não ha razão ou motivo algum que atteneue o effeito d'esta propaganda leviana, inconveniente e deprimente. Que demonio, se não teem, a ser o, por onde atacar o governo, antes deixem a columna em branco de que enche-la com taes locubrações de um facciosismo impenitente!

Ainda se colhessem algum effeito?

Mis não colhem nenhum.

Se alguém levar ao fim a leitura do libello, sente-se vexado como um jornalismo assim feito, que não póle ou não quer destrinçar o que pertence á *politica* e o que é pertence te á *administração* na defeza de importantes interesses nacionaes, em que todos devemos ser um por todos e todos por um, pois que para estas questões não se admite classificativos de progressistas, regeneradores, republicanos ou nacionalistas.

Mas préga no deserto quem assim protestar pela boa doutrina, pois que para fazer opposição sensata não ha... outros progressistas.

Assim seja.

Dôr

Livro de versos de Antonio Valente

A ninguem admirou o apparecimento d'este livro mas a todos surpreendeu: surpreendeu pela completa reserva que o seu auctor guardou e não admirou porque todos já conheciam d'ante-mão o que Antonio Valente era—um poeta d'alma, mavioso e distincto.

E' a *Dôr* a estreia d'aquelle meu presadissimo amigo e o livro com que faz a sua entrada no mundo das letras.

Os primeiros volumes que appareceram, fel-os elle distribuir por seus amigos com offerecimentos captivantes. A noticia espalhou-se e a appareção do livro despertou curiosidade; portanto era lido com avidez.

Confesso: Nunca li com tamanha soffreguidão e interesse. Era um patricio meu e um sympathico rapaz, que me distinguiu com a sua amizade, que fallava n'aquellas paginas e por isso era meu empenho admirar-o mais uma vez, como já o fazia nos versos anteriormente publicados em folhas diversas.

Em pouco tempo o livro estava

devorado. E as impressões? Oh! as impressões não as sei dizer, só as soube senti!..

Era forçoso que das primeiras impressões se passasse ao criterio; mas quando taes impressões brotam espontaneas da alma, estas não tardam a ser confirmadas pelo peso forte da razão. E assim da leitura passageira passei a re-ler o livro.

Quem não conhecesse o poeta, adivinhava-lhe logo pela leitura de seus versos o fundo de sua alma sonhadora e boa, em que se destacam a candidez dos bellos ideaes e a magnitude dos sentimentos generosos, como no vasto e immaculado céu azul as irradiações fulgentissimas do sol d'agosto.

Seis versos, se algumas pequenas deficiencias teem na metrificacão, originadas sem duvida pela preocupação de principiante, encerram uma suavidade que encanta, a par d'uma melancholia profunda—aquella melancholia que se entranhou no moço poeta, após os desgostos de vêr desaparecer corações irmãos do seu...

Para esses versos parece-me, pois, que foi bem escolhido o titulo de *Dôr*—dôr moral em que anda immersa a alma de seu auctor.

O poeta, inspirando-se ante o grandioso templo da natureza, foi carpindo suas maguas em amiga convivencia com a solidão dos arvoredos, verdura dos campos, deslizar do arroio, murmúrio das fontes, ulular do temporal, gorgeios da madrugada e escuridão da noite e assim formou a sua *Dôr*, que é um feixe de flores campestres, d'onde se exhala um arôma subtil e onde seduz a belleza da sua disposição.

Abre o joven poeta a sua *Dôr*, com uma poesia, cujo sentido, ainda que tivesse outra coisa em vista, muito bem se póde attribuir á sua individualidade, porque ahi começa já a deixar perceber a sua despreocupação pelas coisas banaes da vida. Uma creancinha despreza ventura, fama, ouro e pedrarias com que uma fada, sua madrinha, a pretendia dotar, para escolher—mau grado d'ella, porque, já pratica, sabia que tal aspiração só agruras e desillusões lhe acarretaria—e escolhe ser poeta. A fada oppõe-se mas o ente predestinado insiste e diz

Pois quero—o ser—e a creança
Tan o insistiu que assim cança
A fada, que emfim lhe diz:
Só fel ubarás na taça,
Terás por sômb a desgraça,
Escolhe mal D. Infeliz.

D'aqui passa á realidade da vida. Budha, que julgava a terra um Beldourado, certifica-se que a humanidade soffre e a injustiça impera. O que vê no mundo?

Vê adorada a ignorancia
E o crime tornado lei,
D. sp. e zada e nã a infancia,
Banido o pária da greci.

Falla após a voz da razão e, em puro alexandrino, chama á realidade o sonhador e diz-lhe, quando satyro, mui philosophicamente

O' doido vision riol a vida é uma corrente
Que af ga o timor: to e fere o scnhador,
O sonho, o ideal, a boa te do crente
Pois crê-n e va e n'ais a n'ão experient;
Ai quasi sempre a pomba é pasto do condor.

O poeta faz, logo em seguida, sahir em mavioso lyrismo da sua natural melancholia umas quadras tão sentimentaes e d'um fundo tão moralizador, que pôde bem dizer-se que são pedaços de sua alma transformados em agradável harmonia. Chama-lhes a *origem do desgosto* e n'elle esta origem

Não é a fama ou vaidade,
Nem a virtude e o prazer
Nem o medo da velhice,
Nem o pavor de morrer.

E' vér no lar a familia.
Sem um consolo efficaz,
Minha mãe, meu pae afflicto,
Sem alegria e sem paz.

Tambem não deixou o poeta de beber inspiração do mar immenso que tanto impressiona as almas boas. Nascido á beira-mar e por elle embalado, já na despreoccupação da sua infancia como agora nos sonhos da sua mocidade, tambem não o olvidou e dedicou-lhe algumas estrophes, terminando por dizer:

Quero findar meus dias aborrecidos
Onde te veja perto e te ouça bem,
E bradarão mais alto os meus gemidos
De que os da yaga que morrendo vem;
Tu ao menos és bom, sincero e rude,
E's livre—não bajulas a ninguém;
E dás-me a fortaleza e a saude.

E quando a morte me vier buscar,
Abiam a minha cova á beira-mar.

E cantando a madrugada, fallando de confidencias do outomno, lembrando-se das violetas, embabendose em recordações e fazendo promessas, chega aos seus anhelos e diz

Bronze do sino
Que festejei,
Quando em menino
Eu te saudei;
Quando te ouvia
Cheio de fé,
E mal sabia
O que isto é:
Poëira, zero
E tedio ao fim,
Bronze severo
Dobra por mim!

Anhelos tristes... em tão doce harmonia!

Apresenta-nos pouco depois um aventureiro a quem chama *Paladino da Ventura*—versos admiraveis, onde muito brilha o genio do seu auctor.

Nas *melancholias do poente* tem tambem versos d'uma maviosidade que captiva e entre elles não me posso furtar á tentação de reproduzir estas quadras:

Batem trindades
O sol morreu,
Dormem os pobres
Anoiteceu.

Sómente a magua
Cá dentro em mim
Não adormece,
Nunca tem fim.

Continuando nos enlevos de sua imaginação fecunda, de mãos dadas com os rigores da arte poetica, vae elle tracejando o sentir de sua alma dolente, até que depara com um suicida, em que se refere, sem duvida, a um nosso infeliz e saudoso amigo, dizendo na dolorosa preoccupação do seu espirito:

Interroguei calado aquelle morto
Immovel como a pedra dos guerreiros,
E li na magestade do seu rosto
A paz que em vão busquei annos inteiros.

Ao terminar, porém, o seu livro, Antonio Valente faz um esforço supremo para repudiar as melancholias e maguas e exhorta as rimas a cantar a ventura, a juventude e o prazer, em tres magnificos sonetos que são outras tantas perolas que grande realce dão ao seu livrinho. Por elles se antevê, que, em futuras produções, o auctor prosiga em caminho diverso ao desalento que até agora cantou. Succederá assim?

Eis esboçadas as minhas impressões a respeito do livro de verso de Antonio Valente, tal como o permite minha debil penna. E se alguma coisa de elogioso disse do livro, creiam-me o auctor e quem me lêr que não ha bajulação n'estes periodos desalinhavados e desprerenciosos, pois o que escrevo é o que sinto:—não escrevo como amigo sincero e reconhecido, que sou, do novel poeta, mas somente como paticio e como admirador do trabalho e do talento.

Eleutherio.

NOTICIARIO

Coração de Maria

Realizou-se no preterito domingo na igreja matriz, a festividade do Sagrado Coração de Maria, sendo antes da missa inaugurado e benzi-do o respectivo altar que ficou muito bem acabado tanto no douramento como na pintura.

Foi orador o nosso amigo padre Antonio Borges, que fez um bonito discurso.

Selvageria

Na noite de terça para quarta-feira foram disparados dois tiros de espingarda ás janellas d'um predio do Largo dos Campos, em que reside o escrivão de fazenda d'este concelho, snr. Antonio Eduardo de Souza, ficando vidros e caixilhos em estilhaços.

São desconhecidos por enquanto os auctores d'este attentado, mas muito bom seria que a justiça os podesse descobrir para castigo de uns e ensinamento de outros. Nós não podemos deixar de condemnar este meio de vingança, porque naturalmente por vingança tal facto se commetteu. Um funcionario publico, como o escrivão de fazenda, tem por obrigação zelar pelos interesses do Estado, mas quando o faça de tal fórma a lesar o publico, este então tem o direito de reclamar, mas essa reclamação ha-de ser primeiramente ordeira e perante os superiores d'esse funcionario, porque justiça será feita; e quando tal não der resultado ha outros meios de protesto, mas de cara direita e de homem para homem, sem se encobrir nas sombras da noite e não na destruição e damno dos predios que não podem defender-se. Actos assim teem de se classificar de selvaticos e cobardes, contra os quaes protestamos.

Condecoração

Acaba de ser condecorado mais uma vez com a medalha de prata de assiduidade de serviço no ultramar, o nosso estimado amigo e conterraneo Belmiro Ernesto Duarte Silva, brioso tenente do exercito ultramarino.

Regosijando-nos deveras com mais esta distincção, apresentamos ao agraciado, ao intrepido official que

tão dignamente se tem mantido na sua carreira, já em actos de bravura já em comportamento exemplar, as nossas felicitações.

Exames

Por erro d'informação, dissemos no numero transacto da *Discussão* que a illustrada professora d'esta villa, ex.^{ma} snr.^a D. Maria do Carmo Josepha Izidora déra a exame do 2.^o grau, 5 alumnas, quando é certo que deu 8, das quaes uma ficou distincta e as restantes 7 approvadas.

Fazemos esta rectificação, porque acima de tudo preferimos a verdade.

S. Paio

No próximo dia 8, quinta-feira, tem logar na visinha costa da Torreira a antiga romaria de S. Paio que costuma ser muito concorrida de forasteiros.

Inspecções

Desde o primeiro de setembro tem-se procedido nos paços do concelho ás inspecções dos mancebos recenseados por esta freguezia para o exercito e armada, dando nos dias 1 e 2 o seguinte resultado:

Inspeccionados nos 2 dias	55
Apurados para infantaria, sendo um d'elles condicionalmente	17
Para cavallaria	11
Para artilheria	7
Para companhia de torpedeiros	1
Isentos definitivamente	16
E temporariamente	3

Não compareceram á inspecção, pelo que foram considerados aptos para infantaria, 32.

Kermesse

Como já annunciamos, a direcção da Associação dos Bombeiros Voluntarios resolveu proseguir em todos os domingos de setembro no Furadouro, com o bazar que promoveu em beneficio do seu cofre. Por isso realisa-se hoje n'aquella praia a primeira *Kermesse*, sendo abaliantada com o concurso da philarmonica *Boa-União*, que toca de tarde.

Promove-se alli, para tal fim, diversos entretenimentos.

A' direcção continuam a ser enviados donativos e prendas, recebendo durante a semana os seguintes:

M'iguel Ferreira Coelho, 500 rs.; Francisco Lopes Pinto, 1\$000 rs.; José Lopes Pinto, 1\$000 rs.; José da Silva Carrelhas, 1\$000 rs.; Dr. José Duarte dos Santos, 5\$000 rs.; Affonso José Martins, 2 ga rafas de vinho de 1863; Collegio do Coração de Jesus e Maria, 1 cofre de vidro pintado para guardar leques; Graça dos Santos Carneiro, 1 touca para creança e 1 boneco de louça.

Continúa.

Fallecimento

Com avançada idade e aos estragos de uma lesão cardiaca, de que ha muito vinha soffrendo, falleceu quinta-feira de tarde, na sua casa do Largo de S. Pedro, a sr.^a D. Luiza Ludovina Fonseca da Silveira, extremosa mãe do nosso bom amigo

Isaac Julio da Fonseca Silveira e sogra dos tambem nossos amigos snrs. José da Silva Carrelhas e Antonio Augusto d'Abreu.

A extincta, que foi uma respeitavel senhora, era esposa do fallecido facultativo Dr. João Silveira, o incomparavel *João Semana das Pupillas do Sr. Reitor*.

Seu funeral effectuou-se sexta-feira á noite, incorporando-se n'elle o que de mais distincto ha na nossa sociedade.

A' numerosa familia da finada, especialmente áquelles nossos amigos, a expressão do nosso grande pesar.

Noticias do Furadouro

Devido á agitação do mar não houve na maior parte dos dias da semana finda trabalho de pesca na costa do Furadouro, mas nos poucos em que trabalharam a pesca foi abundante e a sardinha muito gruda.

Durante a semana chegaram áquella praia muitas familias, tanto d'esta villa como de fóra do concelho.

Abre hoje alli a assembleia, reinando grande animação.

Notas a lapis

Com suas familias partiram no principio da semana para o Furadouro, afim de fazerem uso de banhos, os nossos amigos, Dr. Antonio dos Santos Sobreira, Eduardo Ferraz, dr. Francisco Ferreira d'Araujo, João Coelho, Manuel Gomes Dias, João Rodrigues Quatorze, Antonio Corrêa Dias e Ribeiro, José Rodrigues Figueiredo, Antonio Gonçalves Santiago e Apolinario da Silva Lopes.

—Tambem já se encontra n'aquella praia, com seus filhos, a ex.^{ma} D. Maria Araujo d'Oliveira Cardoso.

Passa felizmente melhor d'um incommodo de que foi acommetido o nosso amigo José Luiz da Silva Cerveira.

—Partiu ante-hontem para Luzo a fazer uso das aguas, o intelligente academico Antonio Zagallo dos Santos.

—Encontram-se n'esta villa, em goso de licença, os distinctos officiaes do exercito e nossos patricios José d'Oliveira Gomes e Antonio Pereira da Cunha.

—Regressou ha dias de Luso o novel facultativo Dr. Salviano Cunha.

—A uso de banhos acha-se no Furadouro com sua esposa, o nosso patricio e assignante sr. Manuel Valente Frazão, conceituado commerciante em Villa Nova de Gaya.

Artigo

E' do nosso presado collega Lisbonense a *Tarde* o artigo de fundo que hoje inserimos.

Publicações

Os Pelintras—E' este o ultimo volume publicado da collecção de critica aos males da sociedade portugueza, a que o seu auctor Alfredo Gallis deu o nome guerreiro de *Tuberculose Social*.

Os Pelintras é um volumoso livro de critica caustica e vem illustrada com o retrato do auctor. Edita-o a acreditada Livraria Central do snr. Gomes de Carvalho, de Lisboa.

—O *Conde de Monte Christo*—Recebemos os fasciculos n.^{os} 8 a 13 d'este magnifico romance illustrado

de Alexandre Dumas, editado pela *Lisbonense*, empresa de publicações económicas, de Lisboa.

—O *Amor Fatal*—Temos presente os fascículos n.ºs 38 a 42 d'este excelente romance histórico, editado pelos snrs. Belem & C.ª, de Lisboa.

Agradecemos.

Apresentação espirituosa

Por ocasião da passagem em Lisboa do grande explorador Stanley Serpa Pinto, que então estava em Portugal, offereceu-lhe um grande jantar.

Entre os convidados contava-se Pinheiro Chagas que ficou, á meza, ao lado de Stanley.

Ao fazer a este a apresentação respectiva, Serpa Pinto exprimiu-se assim:

—Apresento-lhe Pinheiro Chagas, o nosso segundo jornalista!

Pinheiro Chagas, apesar d'esse qualificativo secundario foi durante o jantar, o encantador e suggestivo conversador de sempre, Stanley ficou encantado com elle.

Mas, assim que o banquete acabou, Pinheiro Chagas foi ter com o dono da casa:

—O' Serpa Pinto, explique-me você uma coisa que me tem estado a fazer confusão pela originalidade...

—O que é?

Porque me apresentou você agora como «nosso segundo jornalista?»

—Por patriotismo.

—Por patriotismo?

—Está claro! Foi para que o Stanley ficasse a pensar: «Caramba! Se este é o segundo jornalista como não será o primeiro?!»...

Recordações d'uma excursão ao Bussaco

Eram quatro horas da manhã, bem contadinhas no relógio da torre da minha aldeia, e já toda a comitiva, alegre e folgazã, mas d'olhos pizados e testas enrugadas pela madrugada feita contra as praxes dos dias passados, estava a postos com os seus vestidinhos muito bem pregados e muito bem assentes, com os seus chapelinhos de plumas a bamboar, soltas, desprendidas quasi, de botinhas lustrosas, muito limpas, muito asseadas, muito engraxadas.

Amesendraram-se o melhor que puderam sobre as almofadas de madeira de pinho de fó.a do char-á-bancs e umas cabeceando e outras contando historietas, como perrexis do riso, para espanar o somno, que ao abrir da manhã ia to costuma visitar os seus adeptos, lá foram caminho da estação de Ovar, aonde chegaram enquanto o *brazabum* esfrega os olhos.

Alli chegada aquella numerosa comitiva—uma duzia de pessoinhas muito boas, louvado e adorado seja o Senhor que as criou—era de vê-las n'aquelle afan de vida e de desembaraço, que tão bem serve para exteriorisar os bons sentimentos que os albergam dentro das paredes do peito, alli mesmo junto áquelle pedaço de carne, a que os poetas n'uma pariphrase, aliás muito bonita, chamam a viscera do sentimento, era de vê-las, digo, apressadas em carrear do carro para a gare as innumeradas condeças, d'onde mais tarde deviam desalforjar as munições culinarias para abastecer aquella quasi companha.

Poucos momentos decorridos n'uma ancia impaciente, que fazia contar os minutos por horas, o cavallo de ferro fez ranger os rails da linha ferrea debaixo das suas enormes e descompassadas patas farradas, resfolegou baforadas de fumo pelas suas dilatadas ventas, guinchou os derradeiros relinchos, e n'um movimento compassado a principio e rapido em seguida foi dar comnosco na estação d'Estarreja d'Aveiro, etc., etc. Eu não posso acompanhar estes illustres viajantes cujos nomes por ora estão no fundo do meu tinteiro, em todas as minucias do seu passeio, porque para tanto fallecem-me o engenho e a arte, e nem posso para tal dispôr de tempo e espaço.

Por isso desde já os *pranto* no Luzo, proximos do terminus da viagem, de que nós havíamos ouvido cousas maravilhosas, extraordinarias, mas de que não fazíamos uma verdadeira ideia, porque realmente é um local onde a natureza desbraçou abadas de bellezas, onde espargiu com mão prodiga braços de poesia, unico que serviria á maravilha para chamar com razão a este querido rincão da nossa patria—«jardim á beira mar plantado.»

Eis-nos, emfim, embalados na doce esperança de gosarmos um dia bem gosado, no Bussaco, que se desenrola á nossa vista em perspectivas encantadoras, que se desdobra em quadros bellos, que se abre em horizontes d'uma belleza fascinante. As suas matas e os seus montes, as suas fontes d'agua chys-tallina, que jorra em abundancia do seio d'aquellas penhas, cobertas de fiésca allombra, e os seus monumentos, que a aza d' tempo que tudo destrõe, ainda não conseguiram extinguir, e as suas recordações historicas, que a memoria dos homens ainda não pôde olvidar, tudo isto imprime ao Bussaco um todo de magestade, que nos empolga o espirito, que nos senhoreia o coração, que nos prende a voz, que nos deslumbra á vista, que nos arremessa para o espasmo da admiração.

Espraiados de relance os olhos, que pousavam extatico n'quelle magesto panorama, porque as calças aos cavalheiros e os vestidos ás senhoras se não seguravam já muito bem nas respectivas cintas, cabides das ditas e dos ditos cujos, o arraes da companha o nosso bom amigo sr. Antonio Alves da Cruz, tocando castanholas á mingoa de campanha electrica, chamava em alta grita a sua gente para o almoço, dizendo que ia *perrincipiar*. E todos, sem faltar nem mesmo a ex.^{ma} D Eugenia a quem os seus *tevrinhos* 20 annos incompletos não deixam comer muito, se aproximaram do chefe, como os pintos ao chamamento da gallinha, debaixo de cujas azas se abrigam contra todos os perigos. Então viram-se sentados em derredor do chorumento e appetitoso almoço, convidando os mais abandonados da fome a biscar n'aquelle jogo, onde ha mestres de se lhes tirar o chapéo. A D. Eugenia de perninha curta, accomoda-se a um cantinho relvoso, rente á toalha e muito visinha ao *morigo* d'agua fresca; logo ao pé as ex.^{mas} D. Dões Corte Real, D. Beatriz Carvalho, D. Maria, Anna, Custodia e Rosa Alves da Cruz, empós os srs. Antonio e Manuel Alves da Cruz, seu cunhado José, e mais *Ninguem*, triste, porque as alegrias d'outros dias se lhe haviam n'aquelle com muita razão convertido n'um melancolico pesadumbre.

Todos queriam arrancar da sua bocca d'elle a confissão da sua tristeza, mas isso é que elle não fez, apesar de ser muito instado e muito

rogado; não que não ha ninguem mais curioso do que umas certas senhoras e é por isso que se lhes responde á letra—D'onde vens? venho de Sinfães; e para onde vaes? p'ró Bussaco, lá p'ra cima, mesmo p'rá cruz alta, entendem?...

Vamos adiante, ficaram, pois, sem saber a cauza da tristeza que atacava Ninguem, e não foi mau isso.

Almoçados e bem todos os meus companheiros, pois que se comeu á tripa fôrta de tudo o que havia, e só se não comeu do que não havia, é claro, regados os estomagos com uma boa pinga alli comprada com o nosso dinheiro, sacudidas as migalhas, palitados os dentes, lavadas e enxugadas as mãos, escovados os fatos, abalamos todos para montarmos os nossos gericos que lá adiante estacionavam quietos, de caudas á roda para enxutar as mósas, que lhe ferravam a pelle, e de orelhas n'um movimento de vaivem constante, grandes, esguias, de focinhos compridos e olhos bogalhudos, rastos d'agua, muito contentes por haverem a dicta de terem occasião de metterem alguns *niqueis* nos bolsos dos patrões, que n'uma gritaria ensurdedora, nol-os offereciam como *seguros, muito seguros, muito andadôres*.

Tudo montou os burrinhos e a gargalhada foi geral, e a risada foi completa.

Quem se não segurava em cima, cahia e ficava por baixo, o burrinho, ensinado, só lhe faltava fallar, quedava-se, agachava-se para tornarem a montal-o, e partia á desfilada, n'um passinho miudo, de render, pela serra acima, top, top, top, arreata para a direita, arreata para a esquerda, e orelhas a abanar, a abanar, que era de tudo fugir da frente, e de tudo o que estava quedo ficar atraz.

Alguns, mal raçoados na vespera e mal pensados no dia, franzinos de corpo e fatigados das correrias que haviam feito pela ladeira, escorregam, tropeçam, caem e por momentos, qual de baixo, qual de cima, lucha com o cavalleiro amaciando-lhe a cara com as *mãosinhas pilosas e cascudas*.

—Lá cahiu uma, lá vae outra, lá estão trez no chão... quatro, cinco... tudo cahido, quem ajuda a puxar aquella saia, a compôr aquella bota, a endireitar aquella perna, a abotoar aquelle casaco?...

Ninguem, tudo está cahido e bem bem cahido, os burrinhos alegres, quietinhos, a enxotar as mósas com a cauda, que anda n'um badanal! E tudo ri a bandeiras despregadas, e ouve tal que com o riso arrebetou o cóis da calça, que ha pouco tinha chegado do alfaiate, um mestre de fama, da cidade *dos a gibebe e das tripas*.

Com Deus tudo chegou são e salvo dos muitos tranbolhões que deu no caminho, prodigalizando merecidos elogios ao *burricame* que por uma tuta e meia os arrebolou lá em riba sem mais trabalho do que cahir abaixo e escorregar pelo fundo das costas, pelas ancas emanciadas, uma boa duzia de vezes! Mas isto que é para quem não anda traquejado nas artes da equitação, nem lido na arte de cavalgar toda a sella do nosso D. Duarte?...

Do alto, onde os gigantes se reconhecem pequenos, d'onde se avista um horizonte de vistas languissimas d'onde se vê o Mondego espreguiçar-se por entre a cidade de Coimbra e o Oceano em lucha constante consigo mesmo sem avançar um passo, e onde a ideia de Deus é clara como a evidencia, real como o pensamento e persistente como a verdade, admiramos os monumentos que recordam a bravura dos nossos

heroicos soldados, que á ponta d'espada riscaram o caminho mais curto para a França ao maior genio bellico dos tempos modernos, que encadernado na sua empáfia dizia para os seus companheiros de campanha «que era preciso ir lá baixo para empurrar isso para o mar». Isso era Portugal, que em todos os tempos tem evidenciado a valentia de que é dotado, e a força que nas occasiões necessarias desenvolve nos seus musculos d'aço.

Admiramos e examinamos tudo que era digno da nossa detida reflexão e cançados de tanto andar, de tanto subir e tanto descer assentamo-nos, porque

... nós os velhos

Temos o triste jus da nossa idade; Dão-nos a lei os tremulos joelhos.

(D. Jayme).

E os novos, a rir-se n'um riso interminavel, aproximaram-se galho-feiros, e seguiam-nos o exemplo. *Invejosos*... já dizia Ovidio que a *inveja* rala, e rala-se.

São horas de jantar. Come-se e bebe-se á vontade. Emquanto assim fôr estaremos livres do dr. Esculapio. Muito bem jantados, dirigimo-nos á estação para embarcarmos em direcção d'Ovar.

E lá deixamos Bussaco, logar aprazível onde com certeza se tem inspirado os grandes poetas e os grandes escriptores, os pintores e os esculptores, os maestros, até os dramaturgos. Com certeza por alli passou Garrett antes d'escrever os seus livros primorosos, Castilho as suas paginas deleitosas, Herculano a sua linguagem modelar, por alli peregrinou Byron e Shakespeare, Alves, João de Deus e Thomaz Ribeiro, Guerra e Camillo, Mendes e Ayres de Gouveia, e alli não foram buscar inspirações nem Homero para a sua *Illiada*, nem Virgilio para a sua *Encida*, porque o Bussaco ainda não existia. É uma estancia adoravel para os recém-casados passarem os bellissimos dias da aprazível e sempre memoravel lua de mel, e para os corações que começam a sentir a paixão do amor se prenderem com os laços do noivado, vida de idealisações espiritualizadas nos sonhos passageiros da vida humana.

Ninguem.

Annuncios

Reportorios e Almanachs PARA 1905

Já se encontra á venda, na IMPRENSA CIVILIZAÇÃO-Editora, á Rua de Passos Manuel, 211 a 219, a collecção de reportorios e almanachs para 1905, por Liborio José de Magalhães, na qual se destacam o *SERIN-GADOR* e o *SABIO SARAGOÇANO*, os mais acreditados e antigos reportorios até hoje conhecidos.

Tambem n'esta casa se encontra o magnifico reportorio — O BANDARRA! — indispensavel a todas as pessoas.

Grandes descontos para revender.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta acreditada casa, acompanhados da respectiva importancia em carta registada ou vales do correio.

Remettem-se tabellas de preços a quem as requisitar.

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 1 de junho de 1904

DO PORTO A OVAR E AVEIRO e vice-versa

HORAS			Natureza dos comboios
S. Bento	Ovar	Aveiro	
	P.	Ch.	
MANHA	12,31	2,16	Tramway
	4,35	6	Omnibus
	7,6	8,54	Tramway
	10,8	11,57	Tramway
	11	12,34	Mixto
TARDE	1,57	3,54	Mixto
	4,4	—	Rapido
	4,27	6,33	Tramway
	6,51	8,37	Tramway
	8	9,21	Correio

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

HORAS			Natureza dos comboios
Aveiro	Ovar	S. Bento	
	P.	Ch.	
MANHA	3,55	4,54	Tramway
	5,21	5,59	Correio
	7	7,30	Tramway
	9	9,52	Mixto
	10,15	11,14	Tramway
TARDE	—	2,10	Tramway
	4,44	5,50	Tramway
	—	7,50	Tramway
	8,43	10,6	Mixto
	10,25	—	Rapido

Antiga Casa Bertrand

DE JOSÉ BASTOS

33 e 75 — R. Garrett — 73 e 75

— LISBOA —

O Rabbi da Galilea

Sensacional romance popular sobre a vida de Jesus

ORIGINAL DE

Augusto de Lacerda

ILLUSTRADO

Com numerosas gravuras

Caderneta mensal 300 réis

Historia Socialista

(1789-1900)

Sob a direcção de Jean Jaurés

Cada caderneta semanal, de 2 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 2 esplendidas gravuras, pelo menos. — 40 réis.

Cada tomo mensal de 10 folhas de 8 paginas cada uma, grande formato, com 10 esplendidas gravuras, pelo menos. — 200 réis.

ALMA PORTUGUEZA

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Grande romance historico

DE

Faustino da Fonseca

com illustrações de Manoel de Macedo e Roque Gameiro

Cada tomo mensal, 200 réis

LIVRARIA EDITORA

Guimarães Libanio & C.ª

108, Rua de S. Roque, 110

— LISBOA —

A RAINHA SANTA

(D. Isabel d'Aragão)

GRANDE ROMANCE HISTORICO

ILLUSTRADO

Com esplendidas gravuras e chromos

Cadernetas semanaes de 24 pag., 60 réis
Tomos mensaes de 120 paginas, 300 réis

EL-REI D. MIGUEL

Romance historico

DE

FAUSTINO DA FONSECA

Profusamente illustrado

Fasciculos semanaes de 16 pag., 40 réis
Tomos mensaes de 80 paginas, 200 réis

Tratado completo

de cosinha e copa

POR

Carlos Bento da Maia

AUCTOR DOS

«Elementos da arte culinaria»

Fasciculo de 16 pag. illustrado 40 réis
Tomo de 80 paginas illustrado 200 réis

PARA CRIANÇAS

Publicação mensal

Collecção de contos publicados sob a direcção da illustre escriptora

D. Anna de Castro Osorio

Cada folheto illustrado 60 réis

Cada volume 400 réis

A LISBONENSE

Empreza de publicações economicas

35, Trav. do Forno, 35

LISBOA

O Conde de Monte-Christo

Monumental romance de

ALEXANDRE DUMAS

Edição luxuosamente illustrada

Fasciculo de 16 paginas . . . 50 réis

Tomo de 80 paginas . . . 450 réis

A empreza offerece, por brinde, uma photographia do proprio assignante ou de pessoa de sua familia em grande formato, proprio para sala.

EMPREZA DO ATLAS

DE

GEOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua da Boa-Vista, 62-1.º

LISBOA

ATLAS

DE

PORTUGAL E COLONIAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cada fasciculo com um mappa, 150 réis

DANIEL DEFOE

VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS

DE

ROBINSON CRUSOÉ

VERSAO LIVRE DO DR. A. DE SOTTOMAYOR

Cada fasciculo 50 réis

EMPREZA

DA

Historia de Portugal

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna — 95, Rua Augusta, 95

A. E. BREHM

MARAVILHAS DA NATUREZA

(O HOMEM E OS ANIMAES)

Descripção popular das raças humanas e do reino animal, edição portugueza larguissimamente illustrada.

60 réis cada fasciculo mensal e 300 réis cada tomo mensal. Assignatura permanente na sede da empreza.

BIBLIOTHECA ILLUSTRADA D'«O SECULO»

— LISBOA —

LUIZ DE CAMÕES

Grande romance historico

POR

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR

— 2.ª EDIÇÃO —

Illustrada com numerosas gravuras e cuidadosamente revista e ampliada pelo auctor.

Uma caderneta por semana . . . 60 réis

Um tomo por mez 300 réis

BIBLIOTHECA SOCIAL OPERARIA

Rua de S. Luiz, 62

LISBOA

A Rapariga Martyr

GRANDE ROMANCE

DE

Emilio Richebourg

Ornado de chromos e gravuras

Cada fasciculo de 16 paginas, 30 réis

Cada tomo 450 réis

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.º — LISBOA

IN ILLO TEMPORE

— 2.ª EDIÇÃO —

Lentes, estudantes e futricas

(Scenas da vida de Coimbra)

POR

TRINDADE COELHO

Um grosso volume de luxo
Preço 800 réis — pelo correio 870 réis

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

Ultimas publicações:

Casal do caruncho. — Contos por Eduardo Perez. 1 volume illustrado com 42 soberbos desenhos de José Leite — 600 réis.

Sem passar a fronteira. — Viagens e digressões pelo interior do paiz, por Alberto Pimentel. 1 volume de 350 paginas. — 500 réis.

Tuberculose social. — Critica dos mais evidentes e perniciosos males da nossa sociedade, por Alfredo Gallis.

I. Os Chibos. — II. Os predestinados — III. Mulheres Perdidas IV. Os Decadentes — V. Malucos? — VI. Os Politicos — VII. Saphicas. — Cada volume 500 réis.

Ensaio de propaganda e critica, pelo dr. João de Menezes. — I. A nova phase do socialismo. 1 vol. 200 réis.

A giria portugueza. — Esboço de um dicionario de calão, por Alberto Besa, com prefacio do dr. Theophilo Braga. — 1 vol. br. 500, enc. 700 réis.

O sol do Jordão. — Versos por Albino Forjaz de Sampayo. — 1 vol. 200 rs.

A Mulher de Luto. — Processo ruidoso e singular. Poema de Gomes Leal, 500 réis.

A Morte de Christo. Os Exploradores da Lua, por H. G. Wells. 1 vol. 600 réis.

Arvore do Natal. — Contos para creanças, por Lazuarte de Mendonça, 200 réis.

Q que é a religião? por Leon Tolstol, 200 réis.

EDITORES — BELEM & C.ª

R. Marechal Saldanha, 26

O AMOR FATAL

Romance historico por D. JULIAN CASTELLANOS

Caderneta semanal de 16 paginas, 20 réis e de 32 paginas, 40 réis.

Cada tomo mensal em brochura, 200 rs.

Empreza da Bibliotheca de Livros Uteis

Rua do Conselheiro Arantes Pedroso, 25

LISBOA

DICCIONARIO

DE

MEDICINA PRATICA

Cada fasciculo, 50 réis